Campanha do Acre (*)

E tenho de esgotar até **as feses a taça envenenada da existência** assim disse F. Varela o melodioso poeta da **Vozes d'América**

Com estas quero iniciar a descrição de minha prisão e martírio, durante 27 dias, como prisioneiro, na Volta da Empresa, no rio Acre, logo ao primeiro combate, onde entrei, no dia 18 de setembro de 1902, sob as ordens do bravo, destemido e prudente chefe Coronel Comandante das forças revolucionárias, Dr. José Plácido de Castro.

Um dos chefes, embora o mais humilde signatário do manifesto de 1.º de março de 1900, não podia ficar estacionário. Continuei a fazer propaganda, quer em terra onde exercia a minha profissão de advogado, quer á bordo dos vapores que sulcavam as aguas do Acre quer em escritos nos jornais brasileiros e quer mesmo em conversa com alguns bolivianos dos quais destaco o Sr. Luis Penedo no Posto Acre e o advogado Enrique..... que foi meu hóspede em Catuaba.

Os acontecimentos se desenrolaram de tal sorte, a minha humilde individualidade logo conhecida, que no Posto Acre me privaram exercer a minha profissão .

Veio tirar o véo do rosto dos brasileiros acreanos o Sindicato Anglo-Americano, página vergonhosa e infame da História da Bolívia.

Por cartas de um amigo de Manaus fui avisado que a revolução rebentaria até 31 de julho; por isso em fins de junho tratei de transportar-me ao Xapury, onde os meus interesses particulares reclamavam a minha presença, chegando ali no dia 14 de julho, a noite, em casa do meu bom amigo Major Felix Tomás de Almeida e Sá.

Conhecido em todo o Acre e Xapury, minha chegada neste último causou estranheza aos que não estavam do fato que se havia de passar.

Poucos dias depois, as 5 horas da tarde, em companhia do ilustre clínico Dr. F.T. Magalhães Filho, apareceu-me o destimido Ten.-Cel. Gastão de Oliveira, meu velho companheiro de revolta, com uma carta de Rodrigo de Carvalho, o velho entusiasta da nossa liberdade cuja carta foi aberta e lida por mim anunciando a

(*) Trechos do Diário do Professor Raimundo Joaquim da Silva Viana — um dos lugares tenentes de Plácido de Castro, aprisionado num dos primeiros encontros com os bolivianos.

chegada no Xapury do Comandante Geral das Forças Revolucionárias, Cel. Plácido de Castro. Isto no dia 5 de agosto.

Gastão, Benedito Medeiros, Dr. Magalhães e eu passamos até as 2 horas da manhã de prontidão esperando o rompimento da revolução, que só teve lugar as 5, do dia 6, aniversário da Bolívia.

Foram prisioneiros os bolivianos, sem derramar-se uma gota de sangue e sem dar-se um só tiro, devido ao tipo guerreiro do Dr. Plácido coadjuvado pelo Coronel Je. Galdino, também velho companheiro de lutas, e signatário do manifesto de 1.º de março acima falado.

Infelizmente nenhum serviço pude prestar a causa revolucionária, porque estava doente, de forma que não podia pegar em armas.

O meu estado era conhecido de todos; mal pude assistir a sessão extraordinária da Independência do Acre.

Como era de meu dever, logo que avistei-me com o ilustre chefe das forças Dr. Plácido, ofereci os meus serviços; foram aceitos, mas não procurados, em vista de achar-me em convalescência.

Resolvendo o ilustre chefe mandar para o Yaco os prisioneiros bolivianos, para dali irem á Manaus, eu pedi a minha descida até Bagaço, onde tinha companheiros a minha espera.

Disse-me então o Coronel Comandante geral das forças Dr. Plácido de Castro que eu desceria com ele visto como eu era conhecido em todo o rio, o que, com efeito assim aconteceu, vindo eu em sua companhia até Capatana.

Chegando ali resolveu o Sr. Coronel Plácido, que eu seguisse adiante, a fim de conferenciar com os donos de barrações em respeito a resolução declarando o que havia: assim o fiz.

Desde Calebri até Baixa Verde, onde estacionei por ordem do Chefe fui sempre deixando a minha missiva relatando o que hava e o que vinha obtendo de minha Comissão.

Chegado o Chefe revolucionário em Liberdade, barracão do Cap. Antonio Conrado do Rego, ali estacionou com as forças que tirou de Xapury, fazendo o seu quartel de observação.

De Baixa Verde fui ao Bagaço, entendi-me com o Ten. João Xavier, Cap. Teixeira e outros companheiros, mandando imediatamente, por ordem do Chefe, chamar o Cel. Hipólito Moreira, Ten. Cel. Alexandrino e Ten. Cel. Francisco de Oliveira. Logo que receberam a minha carta os três companheiros acompanhados do Ten. Cel. Francisco Manoel transportaram-se ao Bagaço, onde já me achava aguardando as odens de meu chefe.

Apesar de ainda continuar doente fui para a Liberdade como soldado disciplinado, sempre à disposição de meu chefe, que não quis utilizar-se de meus serviços, em vista do meu estado.

Depois de tomar a devida posição, o Cel. Plácido de Castro tratou de aumentar as nossas forças com o auxílio dos chefes de barracões e voluntários que apareciam, sendo logo auxiliado por Oliverios, Major José Antonio Duarte, Ten. Cel. Raimundo Leite Barbosa, Libanio de Macedo e outros.

Libanio de Macedo, português de nascimento, mas acreano de coração, alma grande para todos os cometimentos generosos, inteligência robusta, muito tem auxiliado a revolução com seu pessoal e com seus inolvidáveis serviços pessoais.

No dia 17 de setembro as 11 horas da noite recebeu nosso chefe aviso de que os bolivianos estavam no lugar Gavião, com mais de 150 homens e que muito cedo entrariam na Volta da Empresa.

Foi um alarma e regozijo para os nossos companheiros de luta.

Pedi ao Dr. Plácido, nosso chefe revolucionário licença para acompanhá-lo. Depois de uma pequena observação disse-me que sim e entregou-me todos os papéis revolucionários, que deixamos sob a guarda do Ten. Cel. Raimundo Leite, em Panorama, já as 3 horas da manhã do dia 18 de setembro.

Depois de uma marcha de 5 horas á noite á luz de um farol, chegamos á Empresa as seis horas da manhã.

Tomando algum fôlego, atravessamos o rio em 3 montarias para a Volta da Empresa, acompanhando-nos o Sr. Augusto Neves, prisioneiro vindo do Xapury, e mais dois traidores da nossa causa Afonso Aguayo e Elias Constantino; aqúele espanhol e este grego.

Chegamos a casa do cidadão francês Lião Weisck as 8 horas da manhã, onde feriu-se o primeiro ataque de nossas forças em número de 63 ao mando do Major Júlio Jatay, tendo o nosso chefe sempre a frente nos guiando e aconselhando, contra 150 bolivianos ao mando do Coronel Rosendo Roja.

Depois de meia hora de fogo cerrado, em campo raso, tivemos de retirarmo-nos, com perda de alguns homens, mortos, feridos e prisioneiros.

Depois destes esclarecimentos entro na matéria deste folheto.

Fui feito prisioneiro.

As forças bolivianas eram compostas de 1 Coronel, 1 Ten. Cel., 1 Major, 5 Capitães, 5 Tenentes, 6 Alferes, 2 Médicos, sendo um 1.º e outro 2.º anista de medicina e o resto soldado do exército (2 companheiros somente) e índios recrutados.

Entre os bolivianos vinham 2 ingleses, 1 argentino, sobrinho do general Roca de Buenos-Ayres e 2 brasileiros feitos soldados.

Vivas a Bolívia, gritos, e bebedeiras foi o resultado do triunfo dos bolivianos.

Coitados!

Mal sabiam o futuro que se lhes oferecia!

Eis o resultado dos 27 dias que estive prisioneiro entre aquela gente, verdadeira horda de selvagens.

Setembro 18

Logo que fui feito prisioneiro por um soldado de nome Joaquim de Oliveira, fui amarrado e desafiado para um duelo pelo Capitão Alexandre Dun, ajudante do Coronel Rosendo Roja.

Respondi-lhe que não aceitava o duelo por que era proibido pelas leis do meu país; e que, como advogado, conheci-as perfeitamente.

Por vontade e razões de Aguayo, eu seria fuzilado; mas conservaram-me a vida na esperança de obterem alguns esclarecimentos.

A noite fui amarrado de pés e mãos, na presença de 12 companheiros, como eu prisioneiros, amordaçado, calcado a pés por um sargento, que sacou o meu relógio, um apito de prata e uma lapiseira também de prata e alguns papéis sem importância que eu tinha no bolso, tudo por orlem do chefe boliviano.

Nessa noite eu e os meus 12 companheiros dormimos no chão, ao relento, amarrados de pés e mãos, com sentinelas á vista, embalados e prontos ao 1.º aviso.

19

Passei ao relento, sem uma sombra, sequer, para resguardar-me dos ardores do sol, sem comida até as 6 horas da tarde.

A noite ainda dormimos amarrados de pés e mãos.

Neste dia foram solto os meus companheiros; ficando eu só, o 3.º Chefe Major Rodolfo disse que minha vida estava garantida e que me considerasse prisioneiro de guerra.

20

Passei ainda o dia amarrado ao sol ao pé da cerca da casa, onde morava o Cap. mor Costa, meu companheiro de revolução e meu patrício.

21

Novo companheiro chegou: Miguel da Cunha Rebouças, negociante, que á noite foi, como eu, amarrado de pés e mãos e suspenso entre duas paredas, dormindo no chão.

Nesta noite, fizeram-me assinar um juramento hipócrita como eu não fui e nem seria revolucionário.

22

Amarrado a noite em uma velha espriguiçadeira, que me ser-

via de rede assim como Miguel Cunha, de pés e mãos, logo que se sentia qualquer movimento.

23

Martirizado, interrogado, respondi que era simplesmente jornalista, reporter dos jornais de Manaus e sorrateiramente os atacava, chamando-os barbabacos, mostrando a sem razão que eles tinham para martirizarem um velho doente, sem meios para uma represália.

24

Concederam licença ao Miguel Cunha para dormir em rede, mas sempre amarrado a noite, assim como eu.

25

Deixaram de amarrar-nos de dia, mas o era sempre a noite com Miguel Cunha.

26

Foi Miguel Cunha interrogado; mas continuou preso, deixando porém de ser amarrado a noite.

27

Recebe o Coronel Raja uma carta de três amigos, que conhecem o valor da fôlha da acácia, reclamando a minha liberdade; mas não poderam obte-la porque, infelizmente, o Coronel boliviano não sabia o que seja tolerância, o respeito mutuo e a liberdade absoluta de consciência.

Foi solto Miguel Constantino.

Passaram-me para companhia dos oficiais bolivianos; mas á noite dormia na antiga prsão, amarrado nos pulsos ás pernas da espreguiçadeira.

28

Deste dia em diante deixei de ser amarrado.

29

O Dr. G. Carnacho que servia de médico boliviano, tomou relações cordiais e íntimas comigo, assim como o Ten. Horácio.

30

Deram-me a Constituição boliviana para ler. Neste dia, tivemos o Dr. Carnacho, Major Rodolfo e eu calorosa discussão. Daí em diante fui tratado pela oficialidade com mais atenção, porque julgaram-me ilustrado.

Quanto engano daquela pobre gente!

Outubro

1

Passei a dormir em companhia dos oficiais mas sempre guardado a noite por sentinelas.

2

Interrogatório do 3.º chefe Major Rodolfo sobre os revoltosos e sobre minha vida: respondi-lhe de modo a desanimar-lhe as intenções belicosas.

Que eu era um simples reporter de gazeta, que era advogado semi-nomeado e acompanhava o Dr. Plácido, como jornalista e brasileiro, amante da igualdade e liberdade e fraternidade universal.

3

Completamente imundo do corpo e roupa, pedi um banho que me foi negado.

Disse então que eu não era um criminoso e um prisioneiro vulgar, e que minha educação não se parecia com a educação boliviana e que entre os revolucionários eu tinha uma patente de Ten. Coronel, nomeado desde a primeira revolução por Luis para Comandar o 8.º Batalhão da Guarda Patriótica, no 8.º distrito militar; e que visto que não tinha sido fuzilado, exigia que se me tratassem conforme merecia um prisioneiro que, embora afrontasse as iras dos vencedores do combate de 18 de Setembro, saberia colocar-se acima de qualquer insulto, como os que já sofrera.

O Ten. Coronel Rosendo Roja desde o dia 29 de setembro, tinha ordenado que me concedessem todas as regalias, o que nunca aceitei, porque julgava,que era um para as minhas idéias revolucionárias, e talvez um desgosto aos meus camaradas de campanha. Preferi continuar sofrendo, do que humilhar-me aceitando qualquer favor.

5

As 10 horas da manhã uma bala que caiu entre o Tenente Aldaroxa e eu foi o sinal do grande combate que durou 11 dias e 11 noites com intervalo de minutos.

Neste dia fui transportado para a trincheira n.º 3, comandado pelo Capitão Vargas, e onde padeci 8 dias a sol e a sereno, sofrendo fome e sêde .

6

Fogo cerrado pelos nossos companheiros sitiantes, o maior e mais duradouro dos fogos, onde foi ferido um soldado no calcanhar, visto que este era, como Aquiles, vulnerável nesse lugar.

7

Fiz os meus 55 anos angustiado pela prisão, mas esperançoso da liberdade. Foi meu aniversário festejado pelos meus camaradas de revolução, que estavam sequiosos pela vitória.

8

As 6 horas da manhã pelos sitiantes foi ainda ferido no braço esquerdo gravemente um gringo, que havia sido nosso prisioneiro, por traidor, e que estava ao serviço dos bolivianos desde o 1.º ataque no dia 18 de Setembro.

9

Havendo já alguma falta d'água, os bolivianos tentavam obtê-la, mas sem resultados, porque os sitiantes, sempre alerta do outro lado do rio, não deixavam.

10

Em todas as trincheiras as aguas em garrafas e os alimentos em sacos, eram perchados á corda, arrastados, porque já os soldados não se podiam comunicar com seu chefe.

Vivi espojando-me com os bolivianos, no chão das trincheiras, com o coração magoado, ouvindo o grande tiroteio e impaciente de não poder tomar parte ao lado dos bravos companheiros de luta.

Sofri honrosamente do Capitão Vargas, verdadeiro refugo do soldado boliviano.

Triste condição de quem quer e não pode.

12

As 5 horas fui chamado da trincheira pelo 3.º chefe, o Major Rodolfo que ordenou-me fizesse um bilhete á lápis ao meu ilustre e denodado chefe Dr. Plácido, dizendo-lhe que era impossível uma vitória de nossa parte, visto as trincheiras de que os bolivianos dispunham, já todas correspondendo-se com o quartel do chefe.

Assim o fiz, na convicção plena de que não seria acreditado.

Deram-me um bule com água: bebi-o quase de um fôlego, tal a sede que me devorava as entranhas. Passaram-me para as trincheiras, onde estavam os doentes no hospital de sangue, em companhia do Dr. Genaro Camacho, onde encontrei um Tenente, 3 soldados feridos no 1.º combate do dia 18 de Setembro, e um Tenente e 9 soldados feridos nos últimos ataques.

13

Foi á noite ferido gravemente o Capitão Soares: foi um alarido infernal de 5 bolivianos, que estavam na trincheira mediata á nossa, no hospital de Sangue.

Desanimo completo dos bolivianos, quando viram cortados os

arames, junto ás suas trincheiras e cadeados pelos nossos, já fortificados, cercando a sua comunicação.

Houve conselho de oficiais.

14

Deixo de relatar alguns episódios, que se deram neste dia entre os bolivianos, porque dizem somente á minha pessoa, e eu quero que eles fiquem ignorados do público.

A Bolívia é uma nação ainda bárbara e cujo povo é de um sentimento servil e baixo.

Não há regra sem exceção.

Na história da Bolívia, mesmo na guerra dos 15 anos, não há exemplo de um combate igual a este de 11 dias e 11 noites.

O Coronel Rosendo Roja, honra lhe seja feito, sustentou o combate com toda galhardia, assim como os seus oficiais; mas teve de depor as armas por força das circunstâncias: a falta de munições e a sêde, principalmente para isso concorreram.

O cativeiro do batalhão boliviano foi a porta de mnha liberdade.

Um abraço que recebi dos meus camaradas, inclusive o meu ilustre chefe, recompensou-me do martírio que sofri 27 dias de prisão.

15

Foi assinado o tratado e convênio de entrega dos bolivianos e eu pizei livre á terra Independente da pátria!

Esperando qualquer ataque a ferro frio, apesar de estar prisioneiro preparei-me na noite de 14 para esse fim, com armas brancas e .....

Pude obter e possuo como lembrança do meu aprisionamento as cordas com que fui martirizado 11 dias.

É uma lembrança triste, mas desejo possuir, para dar uma idéia da educação boliviana e a educação brasileira.

Incomunicável e privado de escrever, deixei de tomar muitos apontamentos, que aqui não aparecem, por que já sinto falta de reminiscência, já pela minha falta de saúde e já pela minha idade.

Depois de minha liberdade, fui no dia 16 com um companheiro de luta, Moreira, ao acampamento boliviano.

Com o coração repleto de gozo por ver-me livre, a todos eu abraçava; mas a todos fazia-lhes ver a sem razão que tiveram em martirizar-me 11 dias: alguns dos quais porém, eu agradeci a guarda que fizeram tratando-me com atenção e respeito, principalmente os soldados velhos.

Muitas páginas encontrarão a minha família, os meus velhos amigos e irmãos.